

Pesquisa em educação e metodologia: etnografia digital feminista como resistência

Castro, Amanda Motta ¹

Pires, Desirée de Oliveira ²

RESUMO

Diante das constantes mudanças derivadas de uma sociedade globalizada e a influência das mídias digitais no cotidiano social, esse artigo tem como objetivo apresentar uma alternativa teórico-metodológica para as pesquisas na área da educação e das ciências sociais. Buscando romper com os modelos tradicionais de se fazer ciência e por se tratar de uma pesquisa onde o campo é o espaço online, além de ser uma pesquisa feita sobre/pelas mulheres, propomos a construção de uma metodologia a qual chamamos de uma *etnografia digital feminista*. Unindo a etnografia digital e os estudos feministas, buscamos problematizar e ampliar a discussão acerca de novas metodologias para os estudos feministas que tornem as mulheres mais que objetos de pesquisa, mas sim, produtoras de um saber científico e que vem a se tornar político. Tal metodologia foi aplicada em uma pesquisa de dissertação de mestrado defendida em 2021, a qual se propôs analisar em linhas gerais como a atuação do movimento feminista nas redes sociais pode oportunizar uma educação política para/pelas mulheres.

Palavras-chave: metodologia; estudos feministas; etnografia digital.

Research in education and methodology: feminist digital ethnography of resistance

ABSTRACT

Giving the constant changes resulting from a globalized society and the influence of digital medias on a daily basis, this article aims to introduce an alternative theoretical-methodological for researches in education and social sciences. Seeking to break away from traditional models of conducting science and considering that this is a research conducted in the online space and centered on/about women, we propose the construction of a feminist digital ethnography. In the initial stages, we relied on the assumptions of digital

¹ Universidade federal do Rio Grande. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/FURG e docente do Departamento de Educação da mesma instituição. Email: motta.amanda@terra.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3449473426395924>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0471-1240>.

² Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Email: desireeopires@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8110507456777910>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7862-1427>.

ethnography, which aims to conduct an ethnographic study in social networks and is commonly used by researchers seeking to analyze social relations in virtual environments. Subsequently, we felt the need to integrate feminist studies beyond the epistemological scope of the research. By combining digital ethnography and feminist studies, we aim to problematize and expand the discussion on new methodologies for feminist studies that transform women into more than research subjects, but rather, producers of scientific knowledge that becomes political. This article aims to present a segment of a dissertation research defended and published by in 2021, focusing on the methodology used in the research.

Keywords: methodology; feminist studies; digital ethnography.

Investigación en educación y metodología: la etnografía digital feminista como resistência

RESUMEN

Ante los constantes cambios derivados de una sociedad globalizada y la influencia de los medios digitales en la vida social cotidiana, este artículo tiene como objetivo presentar una alternativa teórico-metodológica para la investigación en el área de la educación y las ciencias humanas. Buscando romper con los modelos tradicionales de hacer ciencia y por ser una investigación donde el campo es el espacio en línea, además de ser investigación realizada sobre/por mujeres, proponemos la construcción de una metodología que llamamos etnografía digital feminista. Combinando etnografía digital y estudios feministas, buscamos problematizar y ampliar la discusión sobre nuevas metodologías para los estudios feministas que conviertan a las mujeres más que en objetos de investigación, sino en productoras de conocimiento científico que se vuelve político. Esta metodología fue aplicada en una investigación de tesis de maestría defendida en 2021, que propuso analizar en términos generales cómo las acciones del movimiento feminista en las redes sociales pueden brindar educación política para/por las mujeres.

Palabras clave: metodologia; estudios feministas; etnografía digital.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

INTRODUÇÃO

O momento em que estamos construindo e delimitando o campo metodológico é sempre desafiador. Nas ciências humanas, estamos sempre à mercê das metodologias clássicas, o que faz com que pouco nos aventuremos por novos campos metodológicos de pesquisa. Quando trabalhamos com/sobre grupos historicamente excluídos, como por exemplo as mulheres, nos vemos diante da necessidade de adaptar ou de utilizar novas metodologias de pesquisa para que estas possam ser capazes de discutir problemáticas de pesquisa que são adequadas às novas demandas sociais.

A proposta deste artigo é apresentar outros caminhos metodológicos possíveis e que foram construídos em uma pesquisa de dissertação publicada e aprovada em 2021. Para a pesquisa de dissertação, tínhamos como objetivo geral compreender como a atuação das mulheres no Movimento #EleNão oportunizou uma educação política para/pelas participantes. Esse movimento surgiu em 2018 com a eminente vitória do candidato à presidência, na época, e posteriormente, ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Com o objetivo de impedir que essa situação se tornasse uma realidade, um grupo de mulheres passou a se organizar no *facebook* para discutir e pensar estratégias de enfrentamento a essa situação. O grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* chegou a um milhão de membras em poucas semanas³, sendo responsável por organizar uma das maiores manifestações de mulheres no Brasil, tornando-se a primeira e única contra um candidato à presidência.

À medida que a pesquisa foi se delimitando, fomos percebendo que seria necessário pensarmos para além do que seria uma pesquisa qualitativa se quiséssemos discutir o nosso problema de pesquisa. Propomo-nos, assim, a construir uma *etnografia digital feminista* com intuito de compreender como as experiências das mulheres na construção do Movimento #EleNão, na rede social *facebook*, oportunizaram uma educação política para/pelas mulheres. Esse processo aconteceu a partir de uma observação parcialmente aberta do grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* e, também, da realização de entrevistas semiestruturadas com três administradoras do grupo.

³ “#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em: 30 out. 2020.



Assim, este artigo se divide em três partes: no primeiro momento, nos propomos a discutir sobre a etnografia digital, campo que vêm ganhando notoriedade nas pesquisas qualitativas com a popularização das redes sociais. No segundo momento, apresentamos mais sobre as técnicas utilizadas na construção da pesquisa, as entrevistas. E terceiro, propomos este encontro entre a etnografia digital e os estudos feministas, o que chamamos de *etnografia digital feminista*.

Combinando as duas metodologias de pesquisa – a etnografia digital e metodologia feminista –, entendemos as especificidades de análise que o espaço online requer, mas também compreendemos que a perspectiva feminista é fundamental para análise do fenômeno social, tendo em vista que o movimento foi construído pelas/para mulheres.

Pressupostos de uma etnografia digital

Os aspectos que orientam a pesquisa qualitativa são completamente distintos da pesquisa quantitativa. Nas pesquisas de abordagem qualitativa, orientadas por uma variedade de métodos e abordagens teóricas, busca-se a escolha adequada dos métodos e das teorias convenientes à investigação a ser realizada.

Devido à grande multiplicidade de abordagens que a pesquisa qualitativa oportuniza, esse modelo favorece a pesquisa sobre temas incomuns e que seriam difíceis de resolver dentro de um modelo de pesquisa quantitativa. Por isso que o objeto de pesquisa, de acordo com Uwe Flick (2009), é determinante para a escolha do modelo de pesquisa e não o contrário.

Os objetos de estudo não estão submetidos a certas variáveis, mas, sim, representados dentro de certos contextos sociais. Os campos de atuação da pesquisa qualitativa não são laboratórios artificiais, mas se constituem enquanto as práticas de interação que as pessoas estabelecem em seu cotidiano.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa está muito mais preocupada em determinar se as descobertas da pesquisa possuem relevância social e se estão embasadas teórica e metodologicamente do que em testar a legitimidade de uma teoria.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Tendo em vista os aspectos que diferenciam a pesquisa qualitativa da quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação da/o pesquisadora/or com seu campo de estudo como parte fundamental na produção do conhecimento. Nesse sentido, a subjetividade tanto da/o pesquisadora/or quanto das pessoas que estão sendo pesquisadas é parte importante da investigação. As reflexões, assim como sentimentos e sensações, se constituem como parte interpretativa da pesquisa, devendo ser documentadas em diários de campo ou em outros tipos de material de registro (Flick, 2009).

Assim, diante dessa variedade de abordagens, a pesquisa qualitativa assume várias perspectivas que vão, de certa forma, orientar seu carácter teórico. A perspectiva teórica adotada para esta pesquisa utiliza pressupostos da etnografia virtual, que, em linhas gerais, se caracteriza como uma vertente da etnografia que realiza a pesquisa qualitativa de forma on-line.

Para que possamos nos situar, faz-se necessário compreender o que significa a etnografia enquanto metodologia. A etnografia consiste em uma triangulação de métodos de pesquisa (observação participante, coleta de dados, entrevistas, etc) que, em linhas gerais, busca descrever as realidades sociais e sua produção. Para Flick (2009),

a etnografia substitui estudos que utilizam da observação participante. Ela visa menos à compreensão dos eventos ou processos sociais a partir de relatos sobre estes eventos (por exemplo, uma entrevista), mas sim uma compreensão dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo, por meio da participação durante seu desenvolvimento (Flick, 2009, p. 31).

A partir dessa definição, compreendemos a etnografia como uma metodologia de pesquisa qualitativa embasada na participação por um determinado período de tempo no espaço onde a pesquisa acontece. No caso da etnografia digital, essa participação se faz no espaço on-line, observando e analisando as práticas culturais e sociais ali presentes.

De acordo com Felipe André Padilha (2019), os estudos etnográficos historicamente interessam-se pelas práticas socioculturais e pelos significados que essas práticas simbolizam para os seus praticantes. Nesse sentido,



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

podemos compreender a etnografia também como um certo tipo de descrição que busca compreender as práticas sociais em busca de explicar as lógicas que constituem a vida social do grupo ou contexto que está sendo estudado, sem perder de vista a maneira como as pessoas envolvidas na pesquisa concebem esses aspectos.

A etnografia se inicia, sobretudo, na Antropologia e, ao longo do tempo, foi sendo utilizada em outras áreas das Ciências Humanas, como a Educação, aumentando ainda mais as possibilidades de como se fazer uma pesquisa qualitativa. Diante de um maior leque de possibilidades de aplicabilidade do método, outros métodos podem ser agregados e, nem por isso, a rigorosidade metodológica será menos evidente. Nesse sentido, flexibilizando o método, podemos também flexibilizar sua definição, entendendo a etnografia, também, como uma adaptação de métodos ao objeto de estudo e que se utiliza de qualquer insight adicional para agregar conhecimento metodológico e epistemológico à pesquisa (Flick, 2009).

De acordo com a Agência Brasil, 134 milhões⁴ de brasileiras/os têm acesso à internet, o que significa que, em média, 3 (três) em cada 4 (quatro) pessoas estão conectadas, números que só vêm crescendo com o passar dos anos. Esse fato, de certa forma, evidencia a popularização do acesso às mídias digitais e, conseqüentemente, o acesso às redes sociais. Essa modificação nas formas de socialização apresenta os espaços digitais como espaços profícuos para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, tendo em vista a infinidade de possibilidades de pesquisa que tenham, por intuito geral, compreender como acontecem as relações pelas/com as mídias sociais.

Nesse sentido, os métodos etnográficos têm sido adaptados para a utilização de uma etnografia digital, que consiste em linhas gerais, na realização de um estudo etnográfico dentro de espaços virtuais, tendo sido, nos últimos anos, mais comumente usada nas pesquisas que buscam compreender como acontecem as interações sociais dentro das redes sociais.

Quando usamos o termo *digital*, buscamos utilizá-lo com o mesmo sentido atribuído por Padilha (2019), como um conjunto de práticas sociais

⁴ Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 10 jul. 2021.



específicas que entrelaçam humanos e não-humanos em ações que atravessam o cotidiano social. Dessa maneira, conseguimos compreender o uso das mídias digitais como um fenômeno extensivo pela vida social.

Podemos observar que, nos últimos dez anos, fomos completamente invadidos/os pela utilização das mídias móveis e das redes sociais, fator que modificou completamente as relações com a internet. No final do século XX, havia duas opiniões bem categóricas acerca da representação da internet: uma visão utópica sobre ela, percebendo-a como um grande avanço tecnológico na vida das pessoas ou uma visão negativa, atribuindo a internet como substituta das interações reais entre as pessoas.

Acontece que, passados mais de vinte anos deste século, percebemos que o uso e o acesso à internet ainda causam grandes controvérsias nas Ciências Humanas. Há quem diga, como Bruno Latour (2012), antes mesmo de as mídias móveis adquirirem a dimensão atual na forma de se comunicar, torna-se necessário compreender sobre a hibridização entre as tecnologias e os seres humanos. Ao encontro desse pensamento, o sociólogo Manuel Castells (2013) afirma que já não podemos distinguir o que é o mundo on-line e off-line, pois ambos estão constantemente interligados e se sobrepõem um ao outro. Já Cristine Hime (2012), considerada uma das precursoras na utilização da etnografia digital, propõe compreender as relações humanas separadas das relações virtuais. Muitas são as perspectivas possíveis sobre o espaço digital.

Partindo de uma perspectiva mais sociológica, buscamos muito mais compreender, nesta pesquisa, como se dão as relações entre pessoas e as tecnologias do que garantir um discurso pautado na fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade, enquanto superficiais e transitórios. Nas palavras de Padilha (2019):

On e offline são planos que se constituem de forma mútua e estão entrelaçados de modo inextricável sendo parte de um processo de modelagem social da tecnologia. Assim, não se trata de buscar a utopia ou a distopia, mas de refletir sobre como tecnologias e pessoas se afetam mutuamente (Padilha, 2019, p. 72).

A partir da perspectiva de alguns pesquisadores que utilizam como campo metodológico a etnografia digital, podemos ousar afirmar a importância



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

da condição digital no contexto da cultura contemporânea, uma vez que esse fato constitui um fenômeno social da nossa era, o qual não deve ser desprezado, mas, sim, compreendido. Podemos dizer, assim, que a etnografia, associada ao campo on-line, vem cada vez mais sendo utilizada nas pesquisas qualitativas, apropriando-se de aspectos da etnografia clássica, pois ambas consistem, de maneira geral, em classificar e observar os fenômenos sociais.

Claudia Pereira Ferraz (2019) define a etnografia digital como uma metodologia que se configura enquanto uma atualização do fazer etnográfico. Embasada nas concepções de Marcel Mauss (1993), a autora afirma que a etnografia consiste no ato de observar e classificar os fenômenos sociais e, na era digital, isso representa um universo de estudos. Dentro da perspectiva da Antropologia e que se estende de forma interdisciplinar, a autora assim se manifesta:

Em nossa análise etnográfica em redes digitais percebemos que extensão deste método para as práticas analíticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza os fundamentos da etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais isolados podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme Mauss inspira a pensar, seguem a “representação da concentração de uma série de princípios e valores” (Ferraz, 2019, p. 48).

A partir desses aspectos, podemos perceber as tecnologias enquanto facilitadoras dos registros e recortes para a pesquisa consistindo, inclusive, numa certa mudança na forma de se fazer ciência. Contudo, a etnografia digital não consiste em uma nova metodologia, mas, antes, numa adaptação dos métodos etnográficos a partir das novas tecnologias digitais a fim de que possamos pensar novas práticas e lógicas para a análise dos dados em pesquisas qualitativas, como já buscamos mencionar anteriormente.

Uma das premissas da pesquisa qualitativa é que cada fenômeno social a ser analisado, independentemente do campo, exige um olhar diferente e, conseqüentemente, diferentes estratégias de coleta para a análise dos dados coletados durante a inserção no campo. Para a etnografia digital, Ferraz (2019) pressupõe a necessidade de certos questionamentos para a realização da pesquisa, como principalmente:



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

- 1) Qual o fenômeno que podemos visualizar e mapear no campo digital?
- 2) Quais os caminhos possíveis para delimitar o problema e categorizar os dados?
- 3) Qual a relação entre o pesquisador e área do problema a ser estudado?

A partir desses questionamentos, a mesma autora, Ferraz (2019, p. 61-63), propõe três procedimentos de coleta de dados que podem ser utilizados no fazer etnográfico dentro das mídias digitais, que partem de alguns princípios da etnografia clássica e que são realocados ao campo on-line.

O primeiro deles refere-se à forma como acontece a coleta de dados, ou seja, a/o pesquisadora/or precisa delimitar qual o portal no qual seus dados serão observados e coletados, afinal, a internet é um campo extremamente vasto. Esse portal pode ser uma rede social, um blog, sites, fóruns de bate-papo, listas de e-mail etc.

O segundo compõe a observação-online, que consiste na utilização de diversas técnicas, como ingressar nos grupos de discussão, observar os arquivos compartilhados, as mensagens publicadas e os perfis das pessoas que fazem parte desses espaços. Se a pesquisa for direcionada a compreender a atuação dessas pessoas na internet, a autora indica, inclusive, que possam ser usadas outras plataformas digitais a fim de comparar dados.

Além disso, as observações utilizadas na pesquisa qualitativa em campo on-line podem acontecer a partir de três perspectivas: (a) aberta, em que a/o pesquisadora/or atua e participa diretamente do grupo, inclusive fazendo parte ativa dele; (b) parcialmente aberta, em que a/o pesquisadora/or faz parte do grupo, mas estabelece apenas uma comunicação formal com os membros sempre em relação à pesquisa, apenas observando os diálogos traçados e, por último, (c) observação oculta em que a/o pesquisadora/or integra a comunidade, mas não atua diretamente, lendo, de forma oculta, as discussões traçadas no grupo.

O terceiro procedimento comumente utilizado nesta metodologia de pesquisa são as entrevistas on-line, as quais podem acontecer em tempo real, através da utilização de câmeras e microfones, como também por mensagem



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

escrita (chats virtuais e e-mails, por exemplo). Quando as entrevistas não acontecem de forma síncrona, garantem uma veracidade menor para a coleta dos dados, pois a/o entrevistada/o acaba podendo responder as perguntas com mais tempo, fato que acaba tornando o evento menos espontâneo.

A forma como a pesquisa acontecerá dentro do campo on-line não deve esquecer-se de uma premissa clássica e importante dos estudos etnográficos: o diário de campo. A etnografia digital não abandona a importância das anotações, gravações e impressões da/o pesquisadora/or sobre as publicações e materiais produzidos pelas pessoas que compõem a pesquisa. Esses materiais podem ser analisados a partir de práticas de uma “observação implícita”, pois trazem uma série de significados que caracterizam as relações estruturais dentro do campo on-line.

Conforme nos afirma ainda a autora Ferraz (2019), tanto os estudos etnográficos clássicos como os mais recentes consistem em escrever a cultura e isso depende de uma série de procedimentos os quais devem ser constantemente registrados. Inclusive, a partir desses registros, acontece, também, o envolvimento da prática da/o pesquisadora/or com o objeto estudado em um exercício de autorreflexão.

Entrevistas

Diante do exposto, utilizaremos o terceiro procedimento, as entrevistas *on-line*, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas com três moderadoras do grupo na rede social *facebook* “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, partindo de uma observação parcialmente aberta do grupo. Essa sequência foi escolhida, pois somos participantes do grupo desde o seu surgimento em agosto de 2018, embora não atuantes diretamente no compartilhamento de postagens ou criação de conteúdo, apenas acompanhando suas atividades e propostas.

A escolha pela realização de entrevistas se dá no sentido de humanizar as mulheres que estão à frente do grupo, compreendendo suas vivências e trajetórias na militância. Compreendemos que as entrevistas que acontecem no ambiente *on-line* não se dão da mesma forma que presencialmente, pois uma série de fatores interfere na forma como a/o entrevistada/o se porta, o que, de certa forma, reflete as limitações de tal campo metodológico. Todavia, como o



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

espaço *on-line* é o espaço de atuação e de militância dessas mulheres, acreditamos ser um espaço profícuo para a realização desta pesquisa.

Em relação à entrevista semiestruturada, baseamos as perguntas em Gohn (2011), que elenca doze aprendizagens possíveis de serem desenvolvidas dentro dos movimentos sociais. Essa separação acontece para fins didáticos, uma vez que são múltiplas as formas de aprender. Elas podem acontecer em carácter, por exemplo: prático, teórico, técnico, cultural, ético, reflexivo, econômico, simbólico.

Tendo esse embasamento, organizamos as perguntas de maneira mais abrangente possível, de forma que as entrevistadas pudessem trazer outros aspectos que julgassem importantes. Buscamos, ainda, para além de compreender o que foi o movimento, trazer as trajetórias de vida e que também se caracterizam como trajetórias políticas dessas mulheres.

As entrevistas aconteceram entre os meses de maio e junho de 2021, através da plataforma *Google Meet* e foram gravadas, utilizando um programa de vídeo gratuito chamado *apowersoft*. Sem estabelecer um tempo de entrevista, buscamos, assim, deixar as entrevistadas de forma mais à vontade possível para contarem suas trajetórias e envolvimento com a militância. Assim, as entrevistas variaram entre 1h30 minutos até 2h30 minutos.

Antes da realização das entrevistas, foi enviado às participantes da pesquisa um termo de consentimento de uso de suas falas e também de uso de imagem de acordo com o modelo proposto pelo programa de pós-graduação ao qual essa pesquisa fez parte. Mesmo sendo oferecido completo sigilo do aparecimento de seus nomes para a pesquisa, todas elas optaram que fossem usados os seus nomes reais, justificando que já estão expostas diariamente em suas redes sociais, não havendo, por isso, problema na utilização dos seus nomes na investigação.

Mesmo assim, por diversas vezes, cogitamos manter em sigilo os nomes das entrevistadas a fim de protegê-las de possíveis ataques e também seguindo uma característica das pesquisas feministas. Por fim, optamos por seguir a vontade das participantes em utilizar os seus nomes, até mesmo como uma posição política e de respeito a todo trabalho que essas mulheres têm feito desde 2018. Todas as autorizações foram assinadas e encontram-se documentadas.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Assim sendo, Ludimilla Teixeira, Liliane de Abreu e Bianca Fuentes – apresentadas assim com nome e sobrenome – aceitaram nos contar sua trajetória de vida, seu envolvimento com a militância e o seu fortalecimento, à medida que as redes sociais vão se fortalecendo.

Ludimilla é uma mulher extremamente cativante. Sua fala convicta e forte nos emociona no instante em que a conhecemos. Tem uma oratória de quem, de fato, nasceu para a política. Mulher autodeclarada negra, tinha 37 anos na época da pesquisa, formada em Comunicação Social, funcionária pública do INSS e, como ela mesma gosta de se apresentar, “(...) cria da periferia de Salvador, bairro de Cajazeiras”. Foi Ludimilla a grande responsável pelo pontapé inicial e a criação do grupo, mas, como ela bem salienta, esse processo não se deu sozinha, sendo o grupo construído e mantido de forma coletiva por uma equipe de mulheres do Brasil e, também, de fora dele. Ludimilla, por conta de ser a idealizadora do grupo, foi à primeira com quem estabelecemos contato, tendo ela se mostrado prontamente solícita em participar da pesquisa, pois queria contar sua história, bem como a do Grupo

A formação política de Ludimilla acontece a partir de sua atuação primeiramente no movimento estudantil e, por fim, no movimento sindical no qual ainda atua. Antes de ela me fornecer essas informações, pergunto a ela quando se deram os seus primeiros contatos com a militância e ela me responde:

Eu sempre falo que a militância, para uma mulher negra de periferia, não é uma opção. Você não acorda, lê um livro e pensa: oba, vou ser militante! É, não é uma opção. A gente não tem muito. Não tem muita escolha. Ou você luta, resiste, persiste, enfrenta e dá a mão a outra ou outro e vai junto. Ou você fica para trás. Entende?! Periferia tudo é precário. Transporte público, escola, posto de saúde, emprego. Tudo! Então, eu cresci nessa periferia por sinal, é, agradeço muito essa oportunidade as divindades se elas existem que eu nasci nesse lugar porque meu coração, minha memória afetiva e familiar. Minha formação enquanto ser humano eu devo muito a esse lugar⁵ (Ludimilla).

⁵ Optamos por grifar em itálico as falas das entrevistadas.



Nessa sua fala, conseguimos perceber o quanto a luta das mulheres, especialmente das mulheres negras, não se dá por escolha, mas por uma necessidade. Necessidade de sobrevivência em uma sociedade que, alimentada pelo patriarcalismo e pelo racismo, não oferece condições favoráveis de existência para que essas pessoas possam viver.

Para além da formação do Movimento #EleNão, Ludimilla nos contou como foi o seu ingresso e a sua permanência na universidade. Sonhava em ser jornalista, mas, como não conseguira passar em uma universidade pública, acabou ingressando no curso de Comunicação Social em uma universidade privada.

Conseguiu concluir e pagar pelos seus estudos, graças ao seu ingresso por meio de concurso público no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, posteriormente, à conquista de uma bolsa que cobria parte dos custos do curso. Conversamos muito sobre a questão das desigualdades sociais presentes no Brasil e, principalmente, acerca da questão racial. Ludimilla foi vítima de uma violência policial, que lhe deixou marcas psicológicas e físicas muito profundas. Ao mesmo tempo, essa situação foi muito importante, como ela mesma narra em nossa conversa, para o seu reconhecimento enquanto uma mulher negra.

E aí essa dificuldade de se enxergar enquanto mulher negra. Enquanto detentora de uma ancestralidade. De uma história que a gente sabe que foi apagada.... Que ao longo da escravização. E o quanto é difícil pra gente! Então, assim eu sempre tive essa dificuldade. E... Eu já tinha ouvido muitas coisas racistas. Racistas no trabalho. Já tinham me chamado de neguinha fedida. Já tinha tido problema com relacionamento, com aquele carinha assim, que quer te esconder. Que não quer que ninguém saiba porque é um cara branco. Aí se relaciona com você e não quer que ninguém saiba. Esconde. Já tive esse problema também! (...) Mas na delegacia, eu senti o racismo institucional. De verdade! Na pele! (Ludimilla)

Com apoio familiar, médico e psicológico, Ludimilla hoje consegue contar sua história, compartilhando sua experiência e, de alguma forma, impedindo que outras famílias enfrentem essa violência policial a qual legitima o pacto do



REVISTA
territórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Estado para com a manutenção das desigualdades. A partir de nossa conversa, que durou quase três horas, Ludimilla mostrou que, apesar de carregar consigo muitas dores, ela as transformou em uma luta em prol das mulheres, principalmente, das que sustentam e carregam este país: mulheres trabalhadoras, empobrecidas e negras.

Já Liliane, a nossa segunda entrevistada, é uma mulher com muitas coisas para falar. Mulher autodeclarada branca, tinha 51 anos, entre tantos cursos que já realizou, estava nos semestres finais do curso de Psicologia em São Paulo na época que a entrevista foi realizada. Carioca, já morou de norte a sul do Brasil, colecionando muitas histórias para contar e, assim como Ludimilla, tem história de dor e luta, mas, sobretudo, de resiliência.

Uma das primeiras coisas que Liliane me contou, durante a nossa conversa, foi que ela era filha de um pai militar que atuava prestando serviços diretos para o regime ditatorial nas décadas de 1960 e 1970. Por conta disso, morou em várias regiões do Brasil, o que lhe possibilitou um conhecimento e um aprendizado enorme a partir de suas vivências. Essa questão, embora pareça pouco relevante, é determinante para a construção de seu posicionamento político que, até o ano de 2015, mais ou menos, era extremamente afinado à direita. Por conta de um histórico familiar de violências e abusos, Liliane se casou muito cedo e, hoje, é mãe de três jovens adultos.

Sua trajetória de envolvimento com os movimentos sociais se dá a partir da prestação de trabalhos voluntários. Desde a sua adolescência, por ter feito magistério, lecionava em comunidades periféricas em Recife, onde morava na época. Depois de adulta e de ter enfrentado um processo intenso de depressão, Liliane começou a prestar serviços voluntários como arte-terapeuta em São Paulo, lugar em que reside. Ela nos contou o que essa experiência significou em sua vida:

Eu até me emociono porque assim veio em um momento que tava muito difícil pra mim. E, assim, você encarar as dores dos outros, você começa a refletir sobre as suas próprias dores. E, nesse meio tempo, eu vim acabar parando aqui em São Paulo. Depois de um tempinho, eu comecei a fazer a faculdade... E aí eu dei cara com essa coisa do Movimento do Ele Não. E entrei.

Mas, assim, se você falar movimento, ONG, ou seja, lá qualquer entidade que eu tenha trabalhado mesmo, o que eu



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

fiz foi essa parte na época do hospital. Fora isso era uma coisa muito solitária! Eu fiz a vida inteira!

Eu socorria vítimas de violência sexual. Eu socorria pessoas que tavam em situação de violência. Sobretudo, essas. Mais alguém que tava precisando alguma coisa relativa com fome. Ou que tava desempregado. Eu era sempre aquela pessoa que, infelizmente, de forma sozinha, a andorinha sozinha, eu abraçava as pessoas. E aí ajudava até o ponto de elas poderem caminhar sozinha (Liliane).

Conhecer e principalmente ouvir Liliane nos levaram a refletir, a partir de nosso referencial teórico-metodológico, o quanto é fundamental compreendermos as vidas das mulheres a partir de suas experiências de vida. A resignificação das dores em formas de luta, assim como Ludimilla também fez, resume o que foi a nossa conversa.

Bianca, um pouco menos falante, mas nem por isso menos ativa, contou-nos mais sobre sua militância e seu envolvimento com o grupo em 2018. Conversamos muito sobre as correntes feministas e a importância de uma atuação responsável do movimento nas redes. Mulher autodeclarada branca, com 31 anos na época da pesquisa, carioca, Engenheira Ambiental de formação, atuava mais na área da Educação em cursos profissionalizantes voltados para a produção industrial.

Sua militância se construiu a partir de trabalhos voluntários, atuando na Fundação SOS Mata Atlântica, por exemplo. Atualmente, Bianca também é filiada ao PSOL e defende uma política partidária. Quando perguntamos a ela quando se deu o seu envolvimento com o feminismo e qual a sua percepção sobre o movimento, ela nos diz:

Eu tenho inúmeras críticas, claro, ao movimento. Eu falo abertamente sobre essas críticas dentro do movimento. Eu sou feminista. Mas, eu não vou fechar os olhos pra, por exemplo, que existe problemas que devem ser observados. Eu entendo que alguns desses problemas eles são problemas graves, eles são problemas sérios. Então, eu não posso dizer que outras coisas podem passar à frente desses problemas. Então, eu entendo hoje porque existem mulheres negras que não se



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

dizem mais feministas e que elas hoje, estão no pan-africanismo. Que elas saíram do movimento, migraram de um movimento pro outro porque elas não se sentiram abraçadas, por exemplo.

E, aí, eu não posso dizer que combater as desigualdades entre homens e mulheres é super importante tanto a ponto de eu esquecer de debater as diferenças entre as mulheres (Bianca).

Conquanto se reconheça e se defina como uma mulher feminista, Bianca faz críticas muito importantes sobre o movimento feminista de um ponto de vista interseccional, demonstrando reconhecer seus lugares de privilégio enquanto uma mulher branca. Sua percepção da conjuntura política atual nos traz reflexões muito importantes, assim como projeções para uma transformação social.

As trajetórias dessas mulheres, embora distintas e espalhadas em várias regiões do Brasil, se uniram em prol de uma causa e de um inimigo em comum: o conservadorismo e o perigo que o ex-presidente, Jair Bolsonaro (2019-2022) representava para a vida das mulheres e todos aquelas/aqueles historicamente excluídas/os da sociedade. É fundamental conhecermos suas trajetórias, suas militâncias para compreendermos a importância de se construir uma educação política para/pelas mulheres, assim como, perceber as mulheres como a linha de frente no combate à política conservadora.

Etnografia digital feminista

Sabendo que esta pesquisa é sobre mulheres, para mulheres e construída por mulheres, atrevemo-nos aqui a unir o termo/conceito feminista ao campo teórico-metodológico. À medida que a pesquisa de dissertação foi sendo construída e ao ouvirmos as mulheres durante as entrevistas, percebemos que somente a etnografia digital seria insuficiente para caracterizar teórica e epistemologicamente nosso problema de pesquisa.

A partir do que aqui tomamos a liberdade de chamar de uma *etnografia digital feminista*, demarcamos politicamente esta pesquisa como insubmissa. A atual sociedade vigente exclui mulheres, populações negras, indígenas e



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

LGBTQI+, aquelas chamadas de subalternas e periféricas porque estão à margem dessa sociedade (Castro, 2020).

Sandra Harding (2002), a partir do seu texto “Existe uma metodologia feminista? ”, convida-nos a pensar e questionar sobre como os problemas sociais que requerem uma explicação científica são abordados apenas a partir de uma lógica dos homens, brancos, burgueses e heteronormativos, o que acaba nos conduzindo a uma visão parcial da vida. Por isso, é importante reconhecer as experiências das mulheres como um recurso das análises sociais as quais têm implicações educacionais e científicas.

Para Cecília Sardenberg (2002), a ciência tem objetificado às mulheres e lhes negado um conhecimento emancipatório, afinal, os princípios básicos de um fazer científico vêm se ancorando nos valores iluministas que pregam a neutralidade, para, assim, assegurar uma objetividade necessária para alcançar uma verdade científica. Pensar uma ciência feminista requer a desconstrução desses preceitos, vez que o que se busca é uma teoria “que possa autorizar e fundamentar esse saber que se quer politizado” (Sardenberg, 2002, p. 91).

Dialogando com essas duas autoras, percebemos que as mulheres experienciam os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva única e necessitam de explicações que sejam específicas às suas próprias necessidades. Não basta apenas incluí-las, faz-se necessário torná-las sujeitas centrais, de maneira a perceber os acontecimentos elencados a partir de sua própria perspectiva. Se estas apenas forem incluídas nas pesquisas científicas, corremos o risco de acabar estudando a vida das mulheres, quando elas estão inseridas no mundo dos homens, ignorando todas as suas vivências e suas problemáticas específicas.

Como nos apontam Castro e Paz (2018, p. 83), “o masculino não inclui o feminino”. Se os estudos feministas reivindicam estratégias mais inclusivas em todos os âmbitos da vida – no agir, no falar, no pensar, por que não no pesquisar?

Entendendo a metodologia da pesquisa como uma teoria sobre os procedimentos que se seguem e uma maneira de analisá-los, ela não deve ser percebida de forma neutra. A metodologia reflete nosso posicionamento político e a perspectiva teórica em que os dados levantados serão analisados.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Segundo Eli Bartra (2002) e Harding (2002), as técnicas de pesquisa encontram-se sempre dentro de um método e se este, por sua vez, é feminista, a maneira como iremos ler, escutar, observar e perguntar terão um enfoque distinto do androcêntrico e sexista. Essencialmente, as técnicas não são feministas, mas o uso que fazemos delas é que são. Nas palavras de Bartra (2002):

El punto de vista feminista es, antes que nada, el punto de partida, el arranque, el comienzo de esse caminho que llevará al conocimiento de algún processo o processos de la realidade, es caminho que se va haciendo a medida que se desarrolla la investigación (Bartra, 2002, p. 148).

Não é sem razão que as técnicas mais utilizadas nas pesquisas feministas são o escutar, o observar e o examinar. O uso dessas técnicas, a partir de uma epistemologia feminista, pode converter-se em novas metodologias de pesquisa.

Outro aspecto fundamental nas investigações feministas é que os seus objetivos de pesquisa não estão descolados da subjetividade e dos aspectos pessoais de quem pesquisa. Nossas experiências pessoais, enquanto mulheres se misturam à trajetória com a pesquisa. Sardenberg (2002, p. 93) nos interroga: “Como deveriam as mulheres enquanto sujeitas do conhecimento se colocarem em relação ao seu objeto? Se optassem por se identificar com seus objetos ou suas lutas? Não estariam abdicando de seus princípios?”.

A partir das provocações da autora, entendemos a subjetividade como um elemento que incrementa a objetividade. Reconhecerno-nos a partir das experiências estudadas faz parte do processo de uma pesquisa feminista e contribui para a construção de um saber situado.

Para Castro (2015), é muito comum que apareça de alguma parte, o questionamento sobre a necessidade ou não de uma pesquisa que trabalhe com a metodologia feminista, configurando-se essa forma de trabalho como um movimento político, de mudança e de transformação social. A partir dela, somos capazes de conhecer o passado, entendermos o presente e, quiçá, prepararmo-nos para o futuro.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Conclusões: pesquisa e resistência!

Resistir é um verbo indispensável nos estudos feministas, pois esta é uma tarefa diária na vida das mulheres e de pessoas historicamente excluídas. Não é opção. É palavra de ordem, uma vez que interfere direta ou indiretamente na sua sobrevivência. Interfere em continuar a caminhada traçada por aquelas(es) que uma vez também já resistiram antes de nós e para aquelas(es) que virão, não necessitem resistir tanto assim.

Caminho se faz caminhando. Pesquisa se faz andarilhando. Na medida em que mergulhamos no problema/objeto é que traçamos os caminhos metodológicos da pesquisa apresentada neste texto, buscando assim, respeitar as pessoas envolvidas, suas diferentes realidades sociais, geracionais e históricas.

Não se trata em criticar as metodologias de pesquisa tão bem consolidadas no campo da educação e das ciências humanas, mas como mencionamos no início do texto, se faz necessário repensá-las e talvez, reinventá-las adequando-as às novas demandas sociais. A partir da *etnografia digital feminista* buscamos reunir duas metodologias de pesquisa: a etnografia digital e os estudos feministas. Foi a partir da união entre estas metodologias que nos possibilitou analisar um movimento recente, o de atuação dos movimentos feministas nas redes sociais a partir do estudo sobre o Movimento #EleNão.

Se faz necessário mais do que apenas incluir as mulheres nos estudos científicos. É necessário desenvolvermos metodologias de pesquisa que deem conta de analisar e responder às problemáticas sociais que envolvem suas existências, tornando-as muito mais que objetos, mas como produtoras de um saber científico.

Construir um saber sobre/pela/por mulheres é resistir a uma ciência marcada pela lógica patriarcal e positivista. É apontar novas perspectivas, rumo à construção de uma ciência feminista.

REFERÊNCIAS



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>

Bartra, Eli (Org.). **Debates em torno de uma metodologia feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.

Castells, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Castro, Amanda Motta. **Ecos de resistência nas tramas do artesanato militante**. Revista de Ciências Humanas e Sociais Sul-Sul, v. 1, p. 186-203, 2020.

Castro, Amanda Motta; Paz, Nivia Ivette Núñez De La. **Educação popular e estudos feministas: contribuições para a linguagem inclusiva**. Revista de educação popular, v. 17, p. 80-88, 2018.

Castro, Amanda. **Fios, Tramas, Cores, Repassos e Inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG. 2015. 230 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo, RS, 2015.

Flick, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Gohn, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n. 47, maio-ago. 2011.

Harding, Sandra. Existe um método feminista? Bartra, Eli (Org.). **Debates em torno a uma metodologia feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.

Hine, Christine **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível em: <http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e-3-internet/>. Acesso em: 08 fev. 2021.

Latour, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

Padilha, Felipe André. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos aplicativos de busca por parceiros online no interior paulista. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2019.

Sardenberg, Cecília M. B. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** In: Costa, Ana Alice; Sardenberg, Cecília M.B (Orgs.). Feminismo, Ciência e Tecnologia. Salvador: NEIM/UFBA: REDOR, 2002.

Submissão em 27 de março de 2024.
Aceite em 07 de maio de 2024.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição
4.0

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e260261 [2024]
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a
resistência à projetos neoliberais e
neoconservadores: corpos, gêneros e
sexualidades em espaços escolares e não
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.260261>